

VOL. V

1899-1900

N.º 1

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

*Veterum volvens monumenta virorum*

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1900

## SUMMÁRIO

- AOS LEITORES: 1.  
LIMIA E BRUTOBEGA: 2.  
ESTUDOS SOBRE TROIA DE SETUBAL: 7.  
NUMISMÁTICA COLONIAL: 10.  
MOEDA DE CHUMBO DA REPÚBLICA ROMANA: 12.  
BIBLIOGRAPHIA: 13.  
O CASTRO DO LOMBEIRO DE MAQUIEIRAS EM GONDESENDE (BRAGANÇA): 14.  
P.<sup>a</sup> JOSÉ AUGUSTO TAVARES: 17.  
MONNAIE DE BAESURIS, VILLE DE LUSITANIE: 17.  
SÊLLO DO PADRE-MESTRE GONÇALO ORRIGIS, DOMINICANO EM SANTAREM: 24.  
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 26.  
NOTÍCIAS VÁRIAS: 31.

Este fascículo vae illustrado com 11 estampas.



## O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 1

## AOS LEITORES

Por effeito de variadas circumstancias *O Archeologo Português* tem saído com algum atraso, e não pôde mesmo publicar-se volume especial no anno de 1899. O vol. v corresponde pois a esse anno e ao de 1900. D'aquí em diante espero que, segundo o que me prometteram na Imprensa Nacional, a publicação se fará com regularidade, devendo apparecer normalmente por mês um fasciculo.

Mais uma vez me dirijo ás pessoas que se interessam pelo estudo da archeologia nacional a pedir-lhes o obsequio de enviarem para este periodico noticias, photographias e desenhos de objectos que possuam ou de que tenham conhecimento, ou quaesquer artigos que se relacionem com o assunto. No fim de alguns annos *O Archeologo* formará assim vasto repositório, que servirá da maior utilidade aos especialistas dos varios ramos da archeologia.

Em verdade *O Archeologo* não morrerá á mingoa de artigos, porque nos museus, nas minhas pastas, nas minhas carteiras, e, ia a dizer, de baixo do solo, possuo materiaes para, embora no meu pouco, só por mim mesmo o encher; mas é evidente que com a collaboração dos outros investigadores (e tem ella sido até hoje tão dedicada) o periodico realizará melhor a sua missão.

Lisboa, Janeiro de 1900.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.



## Límia e Brutobriga

## I

É tempo de acabar com as erroneas crenças, que por ali andam arreigadas, sobre a identificação de cidades antigas que se julga haverem florescido nas margens do nosso decantado Lima; também os archeologos portugueses dos seculos XVII e XVIII, embuidos num excessivo amor patrio, teimaram em localizar na pequena facha do terreno que occupamos na Península quantas povoações notaveis os escriptores latinos referiram á Hispania.

A Lusitania e a Tarraconense occidental, na parte respeitante a Portugal e á Galliza, tinham povoações importantes, conservando o maior número a sua denominação nacional, anterior á invasão romana.

Convem synthetizar as ultimas investigações toponymicas.

A Lusitania dividia-se em tres *conventus*:

I—Pacense.

II—Escallabitano, e

III—Emeritense.

No primeiro ficavam:

Ossónoba, Faro.

Balsa, Tavira.

Metallum Vipascense, Ajustrel.

Merobriga, Sant'Iago de Cacem.

Salacia, Alcacer do Sal?

Cetobriga, Setubal? Troia?

Pax Julia, Beja.

Ebora, Evora.

No segundo:

Olisipo, Lisboa.

Scallabis, *colonia* Praesidium Julium, Santarem.

Collipo, Leiria.

Conimbriga, Aeminium, Condeixa, Coimbra.

Civitas Aravorum, Castello Branco?

Civitas Igaeditanorum, Idanha.

E no terceiro:

Augusta Emerita, Mérida.

Metellinum, Medelim.

Norba, *colonia* cesarina, Cáceres.

Caurium, Cória.

Mirobriga, Cidade Rodrigo.  
Salmantica, Salamanca.  
Cesaróbriga, Talavera de la Reina.  
Augustóbriga, Talavera a Velha.

A Tarraconense continha, entre outros, os tres *conventus*:

- I—Bracaraugustano.
- II—Lucense, e
- III—Asturico.

No primeiro apenas as cidades de:

Bracara  
Forum Limicorum, Guizo, e  
Tudae, e Tuy.

No segundo:

Lucus Augusti, Lago.  
Iria Flavia, Padrão, e  
Flavium Brigantium ou Brigantia, Betanços, perto da  
Corunha.

E no terceiro:

Astures Augustani, Astorga.  
Zoelae, Castro d'Avellãs (?) e  
Legio-Gemina, Leão.

Todas as demais povoações não mencionadas nas inscripções lapidares e numismáticas as reputamos de somenos importância, ou, se a tiveram, foi isso em epocha posterior ao domínio dos latinos, como por exemplo Aóbriga, Aúrega, Aurea, hoje Orense, cidade sueva do século IV da era christã.

A toponymia tem a grande vantagem historica e ethnologica de nos indicar o roteiro que os varios povos seguiram na sua emigração através da Peninsula.

Precioso legado este sobre que devemos basear os nossos estudos, e que convem augmentar por subseqüentes investigações.

## II

O *Forum* ou Curia dos Limicos assentava na planura do monte do Viso, perto da serra de Baldriz, distando as suas ruínas, no sítio onde hoje chamam —a cidade—, uns 13 kilometros para o nascente de Guizo, e 7 a ESE. da «laguna» de Antela, que dá origem ao nosso rio Lima; esta lagoa tem 5.000 hectares de superficie, e dissecada constituiria fértil voiga, que seria uma riqueza para estes povos.

Alli jazia ainda no anno de 132 de C. a *civitas Limicorum*, cujos homens livres erigiram uma memoria de adhesão e affecto ao Imperador Adriano, e outra em 141 ou 142, ao bom Antonino Pio; ambos estes monumentos os vimos mettidos no frontispicio da capella de S. Pedro, unico edificio que resta de pé da famosa *Limica*.

Sabe-se, pois, com exactidão que as ruinas que se alastram em grande extensão ao sul do nascente do nosso rio pertencem á *Limia*.

Chamar a Ponte do Lima *Forum Limicorum* é de ignorancia pasmosa, que nem os *Estrangeiros no Lima*, I, 114 e 119, ousam sustentar, fugindo pela tangente de fazer distincção entre *civitas* e *forum Limicorum*.

O proprio bispo Idacio (390-470), no seu curioso *Chronicon*, nos assevera ser limico. Vid. a *Espanha Sagrada*, de Henrique Florez, IV, 347.

E se ainda os monumentos existentes no mesmo local e o testemunho de um escriptor antigo, insuspeito e d'alli natural, vos não bastem, lêde um curioso artigo do nosso collega hespanhol D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, na *Revista Archeologica*, publicada em Lisboa em 1888, II, 96-98, onde trata da inscripção da ponte de Chaves.

### III

Entre as antigas moedas da Hispania ha uma que nos merece particular interesse; apresentou-a pela primeira vez Henrique Florez, na sua *Collecção de moedas peninsulares*, na tabella 67, e ultimamente vem transcripta no tomo I, 45, do magnifico *Tratado de numismatica* de D. Antonio Delgado, publicado em Madrid em 1871. É de cobre, com 0<sup>m</sup>,027 de diametro ou módulo; na face tem uma cabeça de homem, voltada á direita, com a legenda:

T. MANLIVS. T. F. SERGIA

e no reverso um navio, e debaixo um peixe, e em volta a palavra

BRVTOBRICA

Decididamente que é este o nome da cidade que cunhou a moeda; e que foi povoação de navegantes e pescadores no-lo denunciam o barco e o peixe, symbolos favoritos dos moedeiros celtibericos do meio-dia e occidente da Hispania.

Dois illustres archeologos, Delgado, acima referido, e o Dr. Emilio Hübnér, collocam aquella Brutobrica em Portugal, determinando-lhe

o sabio professor allemão a situação entre Thomar e Abrantes, na foz do rio Zézere, sobre o Tejo. Vid. *Arch. Port.*, III, 164.

Nesta mesma carta que o exímio philologo berlinês escreveu, em 11 de Março de 1897, ao nosso amigo Dr. J. Leite de Vasconcellos, director d'este jornal, confessa que o nome de Brutobrica deriva de Decio Junio Bruto Callaico.

Ora se o nosso Lima foi o termo da expedição de Bruto, cujos soldados, passando o Lethes, se estabeleceram aqui, esquecendo a sua antiga patria, e se o capitão romano, por sua vez, se appellidou *Callaico*, é no valle do Lima, é na Gallecia, á beira-mar ou nas suas proximidades, que devemos buscar a alludida cidade.

Certamente que Brutobriga deve a sua fundação a Junio, que a edificou nesta provincia, ou então impoz o seu nome á cidade indigena mais importante d'estes sitios, sem que esta perdesse a sua feição typica.

Os attributos das moedas brutobrigenses provam que a cidade era maritima.

Alguns antiquarios pretendem, sem fundamento solido, e apenas pelas distancias milliarias do *Itinerario*, dispor *Araducca* na embocadura do nosso Lima.

A Vianna del Bollo, sobre o rio Bibey, na Galliza, corresponde a cidade de *Volobriga*.

#### IV

Costuma-se hoje em dia chamar á extincta povoação do monte de Santa Luzia, em Vianna, — BRITONIA —, e num relatorio, documento official, acha-se a seguinte estranha menção: RUINAS PREHISTORICAS DA BRITONIA.

Para a archeologia é uma novidade que a Britonia seja uma povoação anterior aos tempos historicos!

Sempre cuidei, pelos documentos ecclesiasticos da idade média, que Britonia fosse uma cidade episcopal que o bispo de Tuy, o chronista Fr. Prudencio de Sandoval, e todos os escriptores hespanhoes, antigos e modernos, identificam, a 10 kilometros de Mondonheda, com Santa Maria de Bretonha, proximo das fontes onde nasce o rio Minho.

A existencia de Britonia é-nos revelada simplesmente pelos escriptos dos cartorios; não conhecemos lapide nem moeda que se lhe refira.

Históricamos agora:

No anno de 870 veio Saborico I, Bispo de Dume, junto a Braga,

fugindo aos musulmanos, e estabeleceu a sua residencia a duas leguas de S. Martinho de Mondonhede, persistindo a Sé dumiense neste sítio até 1112, em que a rainha D. Urraca a passou para Villa Mayor, primitiva denominação de Mondonhede, que distava 3:000 metros do sítio actual. Chamou-se a esta igreja *dumiense*, *calibriense* e *mindoniense*; sendo consequentemente o bispado de Mondonhede a continuação do de Dume, nos arredores da cidade bracarense.

Seriam Brutobriga e Britonia uma e a mesma cidade?

Cremos que não.

É certo que são duas cidades distintas: Britonia nunca se escreven Brutonia, ficando aquella no país dos Brittones, na alta Galliza, em Mondonhede, sendo irrisorios os argumentos adduzidos pelos nossos chronistas e chorographos para avocarem para as margens do Lima aquella cidade episcopal gallega.

As ruínas até hoje exploradas no nosso districto de Vianna patenteiam simples estações indigenas, de somenos importancia, não podendo com ellas identificar-se a Brutobriga, a não quermos suppô-la, como é meu parecer, uma povoação que se subtrahiu á influencia romana, e da qual apenas recebeu o nome, que passou á historia; porque neste caso apontaremos as extensas ruínas de Santa Luzia como a principal póvoa da costa maritima entre Lima e Minho, e nas condições de convirem e serem indicadas como restos da antiga cidade de Decio Junio.

Em parte alguma convem tanto situar Brutobriga como na margem direita do Lethes, esse celebrado rio, cujas aguas vadeadas fizeram esquecer aos soldados romanos a sua patria. Para que repetir aqui textos e citações?

Identificado o Lethes com o Lima, localizada está a Brutobriga em questão.

## V

Ainda hoje uma errada tradição litteraria, certamente originada nas chronicas ecclesiasticas, pretende collocar:

— *Aramenha*, nas ruínas do monte do Sant'Inho ou Roques, no planalto entre Villa Franca e Villa de Punhe, no concelho de Vianna;

— *Carmona*, *Caramona* ou *Carbona*, nas ruínas do monte detrás do mosteiro beneditino de Santa Maria de Carvoeiro, sobre os limites de Balugães e de Poiães, no ponto onde se reúnem os concelhos de Vianna, Barcellos e Ponte do Lima;

— *Norba*, no alto da Nô, Nahor, ou Nora, no monte da Facha, no concelho de Ponte do Lima, e que merece especial referencia;

— *Cauca* e *Córium* em Coura, no alto Minho; e

— *Aurea*, na capella de S. Miguel o Anjo, defronte da villa de Ponte do Lima, fazendo-a derivar, bem como Arga, de Aurega.

Nos cimos dos montes de Roques, Carvoeiro e da Nô ha restos de vastos circuitos amuralhados com casas, antigas estações, do typo da de Santa Luzia; taes ruinas apparecem em todas as elevações da ribeira do Lima, na costa do mar, do Neiva ao rio Minho, e até mesmo no centro das serras da Armada, Oural e da Amarella.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

### Estudos sobre Troia de Setubal

#### 8. Ceramica romana

À valiosa serie de artigos que *O Archeologo Português* tem publicado sobre este assumpto, venho juntar a noticia de uns objectos que, por mero acaso, encontrei na Troia, e hoje fazem parte da minha collecção archeologica.



Fig. 1

O primeiro é o vaso representado na fig. 1, cuja fórma lembra a *almotolia* usada nos nossos campos.

É de barro muito grosseiro, de côr vermelha, tendo, na massa, grãos de areia, o que lhe dá apparencia dos barros do período neolithico; e accentua mais esta semelhança a irregular espessura das paredes, as quaes parecem ter sido moldadas á mão, e não na roda do oleiro, de que não apresenta o mais leve vestigio.

Tem este vaso 0<sup>m</sup>,095 de alto por 0<sup>m</sup>,083 de diametro maximo e na boca 0<sup>m</sup>,025.



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

Os vasos que as figs. 2 e 3 representam são de barro vulgar e de côr vermelha escura. O da fig. 2 tinha sobre a boca a valva superior de uma vieira *pecten maximus*; mas como os vasos estavam cobertos e cheios de areia, o que prova, a meu ver, que as ágoas do mar revolveram e confundiram tudo naquella ponto, pôde — o que eu creio — ter sido accidental a adaptação da vieira á boca do vaso.

Como não encontrei no sitio mais conchas, por isso tomei nota d'aquella particularidade.

Um pouco adiante, tambem envolvidos na areia, encontrei dois vasos de barro branco muito fino.

Como são perfeitamente iguaes, desenhei um só (fig. 4).

Junto a estes vasos estava um objecto de barro, tambem branco, mas muito mais grosseiro. É massiço e de fôrma cylindrica (fig. 5.)



Fig. 5

Por ultimo encontrei a lucerna com ornatos no disco (fig. 6). É de barro branco, e apresenta em varios pontos vestigio de que fôra revestida de uma tenue camada de barro diluido, e ligeiramente vermelho.

Tem 0<sup>m</sup>,103 de comprimento, 0<sup>m</sup>,076 de largura e 0<sup>m</sup>,025 de altura. O orificio exterior mede 0<sup>m</sup>,009, e o do centro 0<sup>m</sup>,007.



Fig. 6

Eis os objectos que encontrei. Se bem que pouco valiosos, porque nada esclarecem do passado, são, comtudo, interessantes, como interessante é tudo o que se relaciona com a mysteriosa *Troia*.

Setubal, Quinta da Lage.

ARRONCHES JUNQUEIRO.

## Numismatica colonial

Estado a propósito de moedas de prata indo-portuguesas  
com as datas obliteradas

Temos visto, especialmente no reinado de D. João V, varios exemplares com os cunhos parcialmente esmagados, por effeito de pesos que os opprimiram nos logares em que foram perdidos. Semelhante estrago não deve attribuir-se a outra causa.

Alguns numismatas tem regeitado moedas nestas circumstancias, banindo-as como fazenda avariada que não tem arrumação em luxuosos mostradores, e assim vão perdendo raridades apreciaveis, que outros, mais praticos e menos exigentes, aproveitam, rindo-se da ingenuidade fidalga. Uma rupia, hoje nossa, correu de mão em mão, tida por inutil perante os desdenhosos, só porque o cerceio eliminara a parte inferior de cada um dos algarismos do anno de 1726. Nós tivemos occasião de pôr termo áquelle gyro infeliz, arrecadando a joia rara. Outra rupia igual, sem vestigios de data, obliterada por esmagamento (veja-se o n.º 250 do catalogo de Shulman, leilão de 5 de outubro de 1896) foi adjudicada á Universidade de Leyde por 27,70 florins, ou 125952 réis em moeda portugueza ao cambio da epocha. O estrangeiro, apreciador entendido, foi cobrindo os lances dos numismatas portuguezes, entre os quaes nós fomos representados por alguém.

Nenhum numisma indiano se deve desprezar desde que seja reconhecivel. O tempo e o uso sempre macularam antiguidades de toda a especie. Não queremos porém dizer que se arrecadem moedas safadas, ou chapas, descidas á classe de anepigraphas.

Desde que um exemplar seja authenticico, verificado o reinado a que pertence, evidenciada a especie e outros attributos, não deve condemnar-se ás urtigas, por não possuir a respectiva data, ou porque enfermeu envelhecido nos vaivens da sua missão. Estampas de catalogos estrangeiros contém desenhos de moedas gastas, furadas, cerceadas, mas que não perdem cotação nos leilões, mesmo fóra da classe das raras. O colleccionador não poderia rodar-se de *flores de cunho* e de bellas conservações, dado que lhe fosse facil reunir os materiaes de todos os museus numismaticos para formar um só museu. Não é possivel arregimentar soldados de igual estatura, nem pautar as cidades com edificios de identica architectura e grandeza. A numismatica não é um luxo de metaes sem mácula. O estrago torna-se ás vezes, por assim dizer, util, quando concorre para provar authenticidade. A historia, a chronologia, a geographia, a ethnographia, e outras sciencias

que a numismática elucida, não prescrevem ao numisma encantos de formosura por condição indispensável á estima. Convem apurar as raças, mas não se deve excitar a paixão do apuro até o desdem, se as enfermidades da velhice reduziram á condição de mumia exhumada aquelle numisma que não merecer a quietação da morte em leito de valla commun. A archeologia arrecada religiosamente o acicute oxydado, a lança de sílex partida; a numismática, sua dilecta filha, não deve arremessar no monturo a alcoba do ferro-velho, só porque as fibras tem dilaceradas, ou não conserva atilhos.

Deve registrar-se que as moedas indo-portuguesas não formam sequencias de bellas conservações no circulo dos colleccionadores; que a imperfeição das cunhagens sempre dava o primeiro passo no caminho do estrago, desde a percussão do martello a ferir conforme calhava em bordoadas de cego; que as flores de cunho propriamente ditas se limitam aos raros ensaios monetarios do tempo de D. Maria II e a diversos valores fabricados em Bombay no reinado de D. Luiz I, os quaes varios curiosos arrecadaram na epocha da emissão.

Para achar a verdade numa data que offereça dúvida, obliterada parcial ou totalmente, nós seguimos o methodo comparativo com o auxilio de conhecimentos adquiridos no estudo de collecções alheias. Os pseudo-retratos dos monarchas portuguezes impressos nas moedas indianas, variados em todos os annos, se o estudioso os conhece, accusam as datas que tiveram, e assim na classificação de um medalheiro, chronologicamente seguida, não fica logar vago para hospede anonymo. Quanto á numismática romana tambem se decifram legendas, corroidas pelos seculos, reconhecendo-se os bustos dos Imperadores, inconfundiveis. Existe um parentesco notavel entre os dois principios na busca de uma incognita. Aconsellamos e seguimos o methodo comparativo, o de melhor confiança na prática, certificando que outro não lográmos encontrar no vasto caminho de investigações numismaticas, que temos percorrido infatigavelmente.

Se o colleccionador novato pensar que na moeda, após a cunhagem, foi destruido o millesimo premeditadamente, visado um fim qualquer, pouco digno, filho de circumstancias que concorreram na escolha, na contagem ou não emissão, affirmamos que elle se illude. O numisma, sempre mal obsequiado pelo martello, entrava na circulação com a respectiva data, que o gravador gentio muito raramente dispensava, desde o tempo de D. João IV, embora o povo, na maior parte alphabeto, não procurasse conhecê-la, porque da moeda apenas apreciava o bom titulo do metal. Era motivo secundario o typo, cuja maior ou menor imperfeição deixava de prender as attensões geraes. Elle era

a garantia, a marca official, a authenticidade perante o publico, por tanto não convinha destrui-lo. Os crimes de lesa-numismatica eram: a falsificação, limitada a certas epochas quasi exclusivamente nas moedas de cobre, fundidas ou cunhadas fóra da colonia portuguesa, e o cerceio, frequentissimo em todos os reinados.

Ainda quanto ao fabrico é forçoso confessar que houve irregularidades nas officinas de Goa e Diu; algumas se tornaram célebres. Por muito favor não vemos hoje moedas batidas com dois aversos ou dois reversos identicos. Os cunhos de alguns annos trabalharam nos annos immediatos. Os pesos não corresponderam á lettra das estivas. Em certos annos, quando um reverso quebrava, escolhia-se no depósito qualquer outro, mais antigo, e o fabrico não cessava. Era uma questão de economia, e por ella na Casa da Moeda de Goa se emendaram datas, quanto ao algarismo da unidade, porém nunca se apagaram.

Ha quarenta annos andados o indio vivia na ignorancia de leis monetarias e de typos do numisma antigo. Hoje succede o mesmo phenomeno oriental relativamente a homens illustrados; ainda em 1898 nós tivemos occasião de o conhecer. O Dr. Sacarama Sinay Ludo, hindu, visitando o musen da Sociedade de Geographia de Lisboa, não conheceu as nossas moedas indo-portuguesas, expostas ali durante as festas commemorativas do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India.

Antigamente o colleccionador indiano usava de um meio singularmente original na exposição dos seus numismas. Collava-os em cartões e d'estes formava quadros envidraçados que suspendia nas paredes das salas. Neste luxo decorativo existia a verdade no estado em que tinha apparecido. O indio não cuidava de inutilizar legendas ou datas, porque nenhum interesse lhe poderia inspirar tal estrago. Hoje são raros na India os vestigios de tão simples meio de exposições particulares. Aquelles quadros numismaticos foram substituidos por oleographias depois que o numisma antigo embarcou para o occidente.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

### Moeda de chumbo da republica romana

O Sr. Francisco Gnecehi, no n.º XXIII dos seus suggestivos e importantes *Appunti di numismatica romana*, Milano 1892, trata de várias moedas de chumbo romanas, que elle, por várias razões, considera como falsas, embora pertencentes ás epochas a que se referem.

Em 1895, por occasião de proceder a uma excavação archeologica no castro lusitano ou «Castello» de Dornes<sup>1</sup>, encontrei a seguinte moeda de chumbo, que sem d vida se relaciona com as muitas de que falla o Sr. Gnecchi. Eis uma estampa:



*Anverso:* Cabeça da deusa Roma, voltada para a direita, com capacete alado; na nuca M pontuado nas extremidades.

*Reverso:* Victoria numa biga, a galope, à direita. No campo, deante da cabeça da deusa, III. No exergo, em duas linhas, D·SILANVS—ROMA.

De Decimo Junio Silano, que foi monetario por 89 A. C.

Cfr. Babelon, *Monnaies de la republique romaine*, II, 108, n.  16.

  possivel que muitas moedas d'este genero tenham apparecido em Portugal; mas não sei de mais nenhuma.

J. L. DE V.

### Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, XVI, n.  1. — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmiento (noticias archeologicas de S. Salvador do Souto, Santa Maria do Souto, Gondomar e Garfe; com um appendice   cêrca da critica publicada por mim n-*O Arch. Port.*, IV, 233-240, assunto em que não insisto por Martins Sarmiento ter fallecido); *Couto de Ronfe*, por Oliveira Guimarães; *Tradições populares*, por João de Vasconcellos (costum es funerarios: cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, nos respectivos   s). — N.  2. *Capella e morgado de Guilhomil*, por José Machado; *Caldas de Vizella*,

<sup>1</sup> Ao meu amigo, o Sr. José Maria Pereira, de Dornes, devo o conhecimento da existencia d'este castro, e de outras estações archeologicas na região do Z zere, por onde andei, e onde obtive varios objectos que vieram para o Museu Ethnologico. Reciba mais uma vez o Sr. José Maria Pereira o meu sincero agradecimento pelo bem como me tratou, e pelo serviço que prestou   archeologia. — Nesta excursão acompanhou-me o Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

por Oliveira Guimarães; *Catalogo das moedas romanas, celtibericas e visigodas*, por Albano Bellino.

O DOLMEN DA BARROSA, noticia abreviada d'este monumento pelo general Mesquita Carvalho, Porto, Magalhães & Moniz, 1898, 130 pag., in-8.º, com uma estampa do monumento na capa, e uma planta e côrtes no fim. Preço 500 réis.

Ilude-se o leitor, se espera encontrar neste livro alguma noticia archeologica de certa importancia. O auctor é espirito cultivado, e escreve com facilidade e elegancia; mas, em relação ao monumento que serviu de pretexto para o seu trabalho, limitou-se a dar d'elle uma estampa, a tomar umas medidas, e a fazer uns esboços (o mais que ali incluiu são meras divagações). Desconhece (pag. 98) que existem muitos monumentos d'este genero no Minho, e nem mesmo cita o que sobre o dolmen da Barrosa em especial se tem já escrito. Á cêrca da explicação (pag. 100) que dá da remoção das lages que constituem os dolmens feitos pelos homens prehistoricos confirma o que eu tambem disse nas *Religiões da Lusitania*, 1, 274.

J. L. DE V.

#### O Castro do Lombeiro de Maqueiros em Gondesende (Bragança)

Na margem direita do Rio Vasseiro e termo de Gondesende, a poente e distante d'esta povoação da margem esquerda do mesmo rio 2 kilometros e de Bragança 14, proxíamente, encontrei a inscripção A numa fraga a que chamam «molar», que está quasi toda soterrada pelo terreno da encosta, ficando apenas a descoberto a parte que a contém, que me parece completa e considero exacta, pois tirei várias provas d'ella, sendo todas conformes. A 0<sup>m</sup>,1 á esquerda dos caracteres, e correspondente á 2.<sup>a</sup> linha vê-se um pequeno buraco de 0<sup>m</sup>,04 de diametro e 0<sup>m</sup>,3 de profundidade. Por baixo da fraga informaram-me ter-se visto noutro tempo uma grande cavidade que suppunham ter sido feita por individuos que tivessem vindo ali á procura de thesouros. Inferiormente e quasi contigua a ella está outra fraga de côr negra e de natureza mais rija, que parece pela sua collocação ter alguma relação com esta. A sua situação vae indicada no esboço B que tirei á vista d'esta posição, e pelo qual se pôde fazer uma ideia bastante approxi-

mada da sua fôrma, configuração e natureza das suas encostas, que a não ser pelo poente, para onde se continúa formando o terreno pequenos ondulações, pelos outros lados são de tal modo íngremes que torna difficillimo o seu accesso, principalmente a do lado do sul, que é formada por um rochedo enorme cortado a pique. E por isso raras vezes são cultivadas por ser custoso o seu fabrico, razão porque o mato de carvalho e de esteva toma taes proporções, que mal se pôde penetrar nelle e fazer a sua exploração.

No alto d'esta posição encontrei um formoso castro, cuja configuração se vê tambem do esbôço, formado por muralhas de pedra sôlta, apresentando na parte do poente uma elevação circular que ora me pareceu ser uma pequena torre desmoronada, ora se me afigurou, pela sua fôrma, que fosse alguma mamôa ou modorra. Em volta das muralhas, cujas ordens de andares não pude bem precisar, por o meu reconhecimento ser feito muito á pressa, vêem-se ainda, em partes, vestigios de fosso.

Existindo até hoje numa obscuridade absoluta, sem ter ninguem que fallasse da sua inscripção, das suas muralhas, das suas fragas e dos outros vestigios que nelle se encontram á superficie do solo, taes como pedaços de granito trabalhado, que calcúlo haverem pertencido a mós manuares, e fragmentos pequenissimos de louça grosseira, o nosso Castro não era conhecido pelas povoações circumvizinhas senão pelo nome de «Lombeiro de Maquieiros». Muito longe se estava de se suppor que elle era, a avaliar pelas suas inscripções (pois dizem-nos que alem d'esta ainda lá existe outra muito semelhante que não fomos capaz de encontrar) uma estação archaica da mais alta importancia e digna de ser estudada e venerada, como um marco que assignala a passagem de uma civilização e como um fragmento da immensa historia da humanidade, no periodo em que ella é mais interessante e curiosa, por nos dizer do homem e da sociedade quasi na sua infancia.

Assim, sobre esta inscripção, o nosso amigo J. Leite de Vasconcellos, a quem pedimos o obsequio de a decifrar, disse-nos:—*«hoc opus, hic labor est!* Aquillo não serão letras das nossas, mas o que eu nas *Religiões da Lusitania* chamo insculpturas pre-historicas: lá, a pag. 350-390 do vol. I, estudo este assunto, dando desenho de muitas, —algumas analogas á sua,— e mostrando a relação de várias d'ellas com os castros».

O conhecimento da epocha a que o castro pertence é ainda, por outro motivo, de uma importancia capital por poder lançar immensa luz sobre o estudo da archeologia d'esta região, dando-lhe orientação e permittindo a classificação dos diversos castros que por aqui se encon-

tram, que até hoje mal se conjecturava o que fossem, considerando-os alguns, á falta de melhor fundamento, de «touraes dos mouros» ou de «atalayas»! Mas, se o confrontarmos agora com os castros da Sapeira, em Babe, com o de Sanil, aonde a pouco mais de 100 metros a sul se vê uma fraga com a «*pegada da Senhora*», e proximo da vertente occidental outra chamada da «*Salvage*», com o de Fromil ou «*Toural dos mouros*», com o de Ouzilhão<sup>1</sup> ou a «*Muradilha*», e com varios outros, somos levados a crer que elles são todos do mesmo tempo.

Isto se induz, além de outros indícios, da semelhança da sua posição, natureza e forma da sua construção, e grandeza e amplitude do seu recinto. De modo que, parece-me, sem commetter grande erro, podemos assentar em classificar os castros d'estes sitios em «prehistoricos ou do typo do de Maquieiros», e em «luso-romanos ou romanos ou do typo do de Sacoias». Aquelles pertencem os já mencionados, e a estes, entre outros, o de S. Pedro Velho em Babe, Torre Velha (Castro de Avellãs), Lombeiro Bratco (Meixedo), Devesa (Villa Nova) e o Sagrado de Donae.

O que é facto é que se sente o que quer que seja que nos impressiona sobre modo ao anlar por cima da muralha do nosso castro; ao observar o horizonte que d'elle se descortina, que ainda é bastante vasto para o nascente; ao reparar nos seus enormes fraguados, alguns dos quaes nos parecem estarem ali postos pela mão do homem, e no escarpado das suas encostas, que dão a esta posição o aspecto de precipicio; e particularmente ao ver essa inscrição ou antes esses caracteres ainda desconhecidos e indecifrados que contém o segredo, a historia dos què o habitaran, e de que lhes traduzem, talvez, um dos seus sentimentos mais elevados — o da sua crença ou da sua religião. Então como que vemos surgir por entre aquelles matos e rochedos, por entre aquelles arbustos, seres humanos, caracterizados por uma feição primitiva, que aproveitavam os abrigos naturaes para sua guarida e defesa, parecendo estarem a contemplar-nos com um olhar mysterioso, vago e incerto, e a articular uma linguagem que não comprehendemos, nós, por ventura, os seus descendentes!

Bragança, Janeiro de 1899.

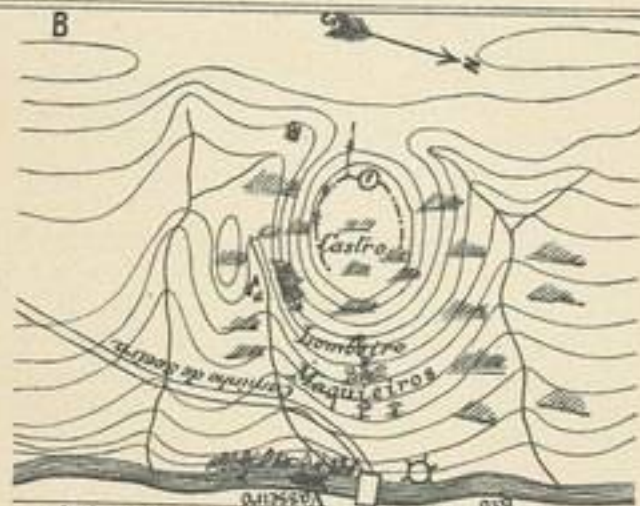
ALBINO PEREIRA LOPO.

<sup>1</sup> Em Ouzilhão, além d'este castro, existe outro que ainda não tive occasião de o ir ver, mas que, a julga: pelas informações que tenho e pelas moedas nelle encontradas, é romano.

A Cópia da inscrição do Castro de Maquieiros



B

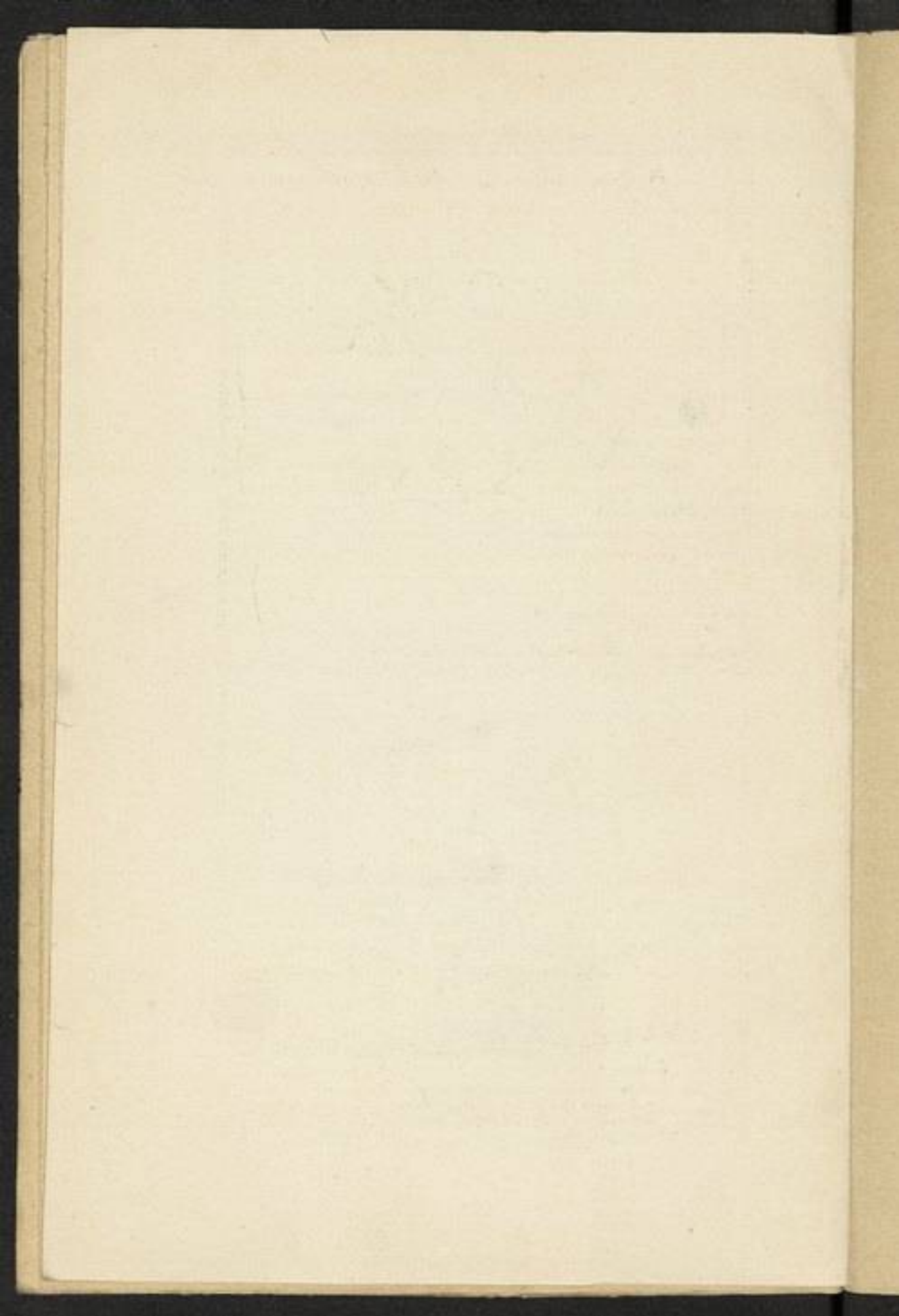


Esboço á vista do Lomboeiro de Maquieiros

----- Murallas  
 1. Torre ou Marnica  
 2. Fraga com a inscrição  
 3. Fraguados

Arvores  
 Malte  
 Moínha

E 18.000



P.<sup>o</sup> José Augusto Tavares

A proposito da offerta de um objecto archeologico para o Museu Municipal de Bragança, lê-se numa folha d'aquella cidade o seguinte, que gostosamente aqui transcrevo:

«Padre José Augusto Tavares Teixeira, rev.<sup>do</sup> abbade de Maçõres, um dos espiritos illustrados e esclarecidos da actual geração trasmontana, que tem dedicado a sua actividade intellectual ao estudo das antiguidades d'esta provincia, tanto da linguistica como de tudo o que pôde concorrer para o conhecimento do seu passado. Sacerdote exemplarissimo, ao mesmo tempo que exerce a evangelica missão da direcção espiritual dos seus parochianos, vae, como espirito sagaz, observador, colhendo entre elles e nos seus habitos, usos e costumes, todas as joias archaicas perdidas que hão de um dia servir para formar um thesouro de subido valor para a historia d'esta região.

Como homem culto foi um dos primeiros, que lá de uma escondida aldeia, levantou a voz e sandou com a sua penna fluente a fundação do Museu Municipal de Bragança, e para o qual tem offerecido, por diversas vezes, varios objectos».

(Da Gazeta de Bragança, de 22 de outubro de 1899).

Faço com tanto maior prazer a transcrição, quanto é certo, que ao desvelado amor que o meu amigo o Rev.<sup>do</sup> P.<sup>o</sup> Tavares vota á sciencia deve tambem o Museu Ethnologico Português a posse de importantes donativos archeologicos.

J. L. DE V.

## Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie

Bien que le nom de la ville lusitanienne Besuris fût connu par un passage du géographe anonyme de Ravenne<sup>1</sup>, on s'était habitué à lui préférer la forme Esauris donnée par la plupart des manuscrits de l'*Itinéraire d'Antonin*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Ravennatis anonymi Cosmographia et Guidonis Geographica*, ed. Pinder et Parthey, 1860, III, 43, p. 305.

<sup>2</sup> *Fortia d'Urban, Recueil des itinéraires anciens*, 1845, cxi, p. 128, cxviii, p. 130. *Itinerarium Antonini Augusti*, ed. Parthey et Pinder, 1848, p. 204, 205.

Cette préférence semblait justifiée par le fait que, sur une monnaie défectueuse de moyen-bronze conservée au médaillier de Madrid, Heiss<sup>1</sup> et Zobel<sup>2</sup> croyaient lire *ESVRI* et que, sur un autre exemplaire recueilli par feu Estacio da Veiga, cet antiquaire avait déchiffré *ÆSVRI*, lecture adoptée, d'après sa copie, par Delgado<sup>3</sup> et par Hübner<sup>4</sup>. Or dès 1883, sur une empreinte de ce même exemplaire communiquée à la Société des Antiquaires de France, les membres présents y ont aisément reconnu toutes les lettres du mot *BÆSVRI*. Ce résultat intéressant pour la numismatique et pour la topographie lusitaniennes fut signalé en son temps<sup>5</sup>, mais ne paraît pas être sorti du cercle des publications spéciales françaises; le directeur de l'*Archeologo português* a donc voulu qu'il fût porté d'une façon plus directe à la connaissance des savants de son pays, et c'est ce qui me vaut l'honneur d'être aujourd'hui son collaborateur.

Je commence par la description des deux seuls exemplaires de la monnaie de Baesuris connus jusqu'à présent.



*BÆSVRI*, en légende rectiligne au milieu du champ, hauteur des lettres, 4 millimètres; ligature de *Æ*. Au dessus et au dessous, un épi couché, le sommet à droite. Cordon de grénétis.

*B.—M·N·N·ET | CON.* en deux lignes au milieu du champ; hauteur des lettres, 2½ millimètres; ligatures de *ANT* (deux fois) et

<sup>1</sup> Alois Heiss, *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, 1870, p. 414, fl. *xxiii*.

<sup>2</sup> Zobel de Zangroniz, *Estudio histórico de la moneda antigua española*, II, 1880, p. 18.

<sup>3</sup> Antonio Delgado, *Nuevo método de clasificación de las medallas autônomas de España*, II, 1871, p. 30, pl. *xxiv*.

<sup>4</sup> Aemilius Hübner, *Corp. inscr. lat.*, II, Suppl. 1892, p. 785. *Monumenta linguarum ibericarum*, 1893, p. 134.

<sup>5</sup> *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 101, 102, figure, 174; 1884, p. 139, 140. *Bulletin épigraphique de la Gaule*, III, 1883, p. 152, 153; IV, 1884, p. 93. *Revue numismatique*, 1883, p. 114; 1884, p. 383, figure.

de NL. Au dessus, un poisson (thon?) nageant à droite. Grénétis. Bronze; diamètre, 24 millimètres. Conservation passable. De l'ancienne collection Estacio da Veiga; on ignore ce qu'il est devenu; il n'en est même point fait mention dans le catalogue qu'il avait dressé des monnaies hispaniques recueillies par lui; heureusement un fac-similé en a été publié dans le *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 101 et dans la *Revue numismatique*, 1884, p. 383.

L'exemplaire du Cabinet de Madrid paraît être une variété du précédent à cause de quelques différences de détail qui s'opposent à l'identité des coins; le module est de 27 millimètres, et le poisson y est figuré nageant à gauche. L'état de conservation est très médiocre: au droit, on n'aperçoit aucune trace de B ni de A, en sorte que la légende se réduit à ESVRI; au revers, la deuxième ligne ne laisse plus voir que deux lettres presque oblitérées, ON. Cette pièce se trouve gravée dans l'ouvrage de Heiss, pl. LXIII, et dans celui de Delgado, tome II, pl. XXIV.

La légende du droit lève définitivement toute incertitude sur la forme *Baesis* et confirme sur ce point l'exactitude du renseignement fourni par le Ravennate dans son énumération de vingt cinq villes iberitaniennes<sup>1</sup>:

*Item super fretum Septem sunt civitates, id est Bersippon (lisez, Baesippon), Merifabion (Itin. Anton. Mercabla), Caditana (lisez, Gaditana), Portum, Asta, Serpa, Pace Iulia, Mirtilin, Besurin, Balsa, etc.*

<sup>1</sup> IV, 43 (éd. Parthey-Pinder, p. 305). Dans maint autre passage, le *fretum Septem* est appelé tout au long *Septemgadinatum*; cf. *ibidem*, I, 3, 17; III, 11, 12; IV, 41, 46; V, 4, 16, 33. Il s'agit du détroit de Gades, *fretus qui dicitur Septem... quique Gaditanus vocatur* (Guido, *Geogr.*, 84, p. 516). L'explication de ces noms nous est donnée par Pline, *Nat. Hist.*, IV, 36: *Gadir, ita punica lingua sepe significante*. Il est visible que *sepe* ou son synonyme *septem* au sens de «enceinte, pare» a fini par prendre un faux air de ressemblance avec le nom de nombre *septem* quand l'étymologie du mot punique Gadir (gr. Γάδερ, lat. Gades) a été oubliée; c'est ce qui a donné naissance au pléonasme *septemgadinum*. Maintenant si l'on considère que la colonie tyrienne de Gadir s'élevait sur l'emplacement de l'antique Tartessus, résidence du roi Geryon auquel Hercule ravit ses troupeaux de bœufs, on en conclura que son nom signifiant «enclos, pare à bœufs» rappelle précisément le souvenir de l'exploit du héros tyrien; et de même que *Septem*, pour *sepe* ou *septem* est la traduction latine du punique Gadir, de même il est vraisemblable que Gadir n'est lui-même que la traduction phénicienne du nom ibère Tartessus. Pour l'identité topographique de Tartessus et de Gadir, voir Strabon, III, V, 4 et Pline, IV, 22, 36, 120. Cf. Movers, *Die Phönizier*, II, p. 622, note 89; p. 624; p. 626.

*L'Itinéraire d'Antonin* nomme deux fois *Esuri*; premier passage, éd. Parthey-Pinder, p. 204:

|        |                          |                            |
|--------|--------------------------|----------------------------|
| 425, 6 | Item de Esuri Pace Iulia | mpm CCLXVII ( <i>sic</i> ) |
| 426, 1 | Balsa                    | mpm XXVIII                 |
| 2      | Ossonoba                 | mpm XVI                    |
| 3      | Aranni                   | mpm LX                     |
| 4      | Salacia                  | mpm XXXV                   |
| 5      | Eboram                   | mpm XLIII                  |
| 6      | Serpa                    | mpm XIII                   |
| 427, 1 | Fines                    | mpm XX                     |
| 2      | Arucci                   | mpm XXV                    |
| 3      | Pace Iulia               | mpm XXX.                   |

La préposition *de* pour *ab* est une faute grammaticale introduite dans le texte primitif à une basse époque<sup>1</sup>; quant aux erreurs topographiques ce n'est point ici le lieu de les discuter<sup>2</sup>.

Voici le second passage de l'*Itinéraire* (*ibid.*, p. 205):

|        |                              |            |
|--------|------------------------------|------------|
| 431, 4 | Item ab Esuri per compendium |            |
| 5      | Pace Iulia                   | mpm LXXVI  |
| 6      | Myrtili                      | mpm XL     |
| 7      | Pace Iulia                   | mpm XXXVI. |

Or, si au lieu de lire *ab Esuri* avec tous les commentateurs qui m'ont précédé on lit *a Besuri*, en avançant simplement la lettre *b*, on retrouve dans le texte même de l'*Itinéraire*, les éléments nécessaires à la restitution de la forme *Besuri* en conformité avec la leçon donnée par le Ravennate et avec la légende de notre monnaie. Cette correction si naturelle que j'ai indiquée il y a une quinzaine d'années

<sup>1</sup> Pour d'autres exemples de ce genre, voir Max Bonnet, *Le latin de Grégoire de Tours*, 1890, p. 607 et sqq.

<sup>2</sup> M. Cortez y Lopez, *Diccionario geográfico histórico de la España antiga*, 1835, t. p. 265. L'auteur pense avec raison que les copistes ont confondu en un seul deux itinéraires différents qu'il propose de rétablir de la manière suivante:

Iter ab Esuri Pace Iulia: Balsa XXIV (Tavira) — Ossonoba XXVI (Faro) — Arani XL (Mouchique) — Rarapia XXX (Ourique) — Pace Iulia XXXIX (Beja).

Iter ab Esuri Eboram: Serpa LX (Serpa) — Fines XVI (Moura) — Arucci XXIV (Mourao: Arucci nova) — Eboram XXIX (Eboram).

enlève le dernier argument à ceux qui tiendraient encore parti pour la forme fautive *Esuri*.

Philologiquement, Baes-uri est comparable, pour le premier membre, à Baes-ippo et à Baes-ucci, l'un, formé comme Coll-ippo, Ir-ippo, Olis-ippo, Or-ippo, Ost-ippo, Vent-ippo, l'autre, comme Ar-ucci, It-ucci; pour le second membre, à Oe-uri. Je trouve cette remarque dans la correspondance de M. Leite de Vasconcellos et je ne saurais mieux la mettre en valeur qu'ici, sur le propre terrain de son auteur. Des rapprochements de ce genre conduiront peut-être à l'étymologie de *Bacsuri* quand on saura si c'est un mot composé de deux termes, ou un mot dérivé à l'aide d'un suffixe *ur*.

Je rapporte ici, simplement pour cause de similitude curieuse, le nom d'un peuple lusitanien, les Paesuri mentionnés par Pline, *Nat. Hist.*, IV, XXXV, 21: *a Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Paesuri, flumen Vacca*. Le même ethnique était gravé sur une inscription d'Alcantara<sup>1</sup> parmi les municipes lusitaniens qui contribuèrent à la construction du fameux pont jeté sur le Tage sous Trajan, en l'an 105.

Je passe maintenant à l'étude de la légende du revers.

Le premier monogramme N doit certainement être développé en *Ant(oni)us*, nom gentilice, comme sur le quinaire d'argent de Marc-Antoine frappé à Lyon<sup>2</sup>: M · N · IMP, lituus, praefericulum, corbeau. R. Victoire à droite, couronnant un trophée. Quant au deuxième monogramme, N̄, qui ne diffère du précédent que par la surélévation du T, je conclus de cette similitude qu'il représente un cognomen dérivé du gentilice; or il s'en trouve un qui est historiquement connu dans la gens Antonia, c'est le diminutif Ἀντωνίδης; attribué par Dion Cassius et par Plutarque au fils que le célèbre triumvir avait eu de Fulvie, sa première femme; seulement je ferai observer que c'était une appellation familière n'ayant rien d'officiel, puisqu'elle ne figure pas sur la monnaie<sup>3</sup> frappée en l'honneur de ce jeune homme par ordre de son père avec la légende M · ANTONIVS · M · F · F; ainsi en est-il du surnom Κωνσταντῖος donné par les mêmes auteurs à Ptolémée XVI Philométor César, fils de Jules César et de la fameuse Cléopâtre VII. Dans le recueil des inscriptions de l'Espagne on n'en rencontre pas moins de trois dans lesquelles le cognomen Antullus est joint au gen-

<sup>1</sup> *Corp. Insc. Lat.*, II, 760.

<sup>2</sup> Cohen, *Description des monnaies impériales romaines*, I, 1860 (2<sup>e</sup> éd.), p. 46, figure.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 58, figure.

tilice Antonius, tandis que cette association n'est guère connue que par un seul exemple en dehors de l'Espagne. A Cadix, c'est-à-dire dans le voisinage même de Baesuris, on a découvert les épitaphes<sup>1</sup> d'un *L. Antonius C. f. Antullus* et d'un *L. Antonius Q. f. Gal(eria tribu), Antullus, III vir aed(ilicia) pot(estate)*; à Barcelone, une inscription<sup>2</sup> mentionne un Aquitain du Comminges pyrénéen, *M. Antonius Antullus, civis Convena*. Ce groupe d'inscriptions a pour effet de faire supposer que les Antonii Antulli d'Espagne avaient pour ancêtre quelque client du triumvir qui avait reçu de lui le droit de cité romaine et qui, par reconnaissance, avait ajouté à son gentilice le surnom populaire de son jeune fils. Le magistrat qui a signé la monnaie de Baesuris, *M(arcus) Ant(oni)us Ant(ullus)*, devait donc être prochainement apparenté à ses homonymes de Gadès et exercer, comme l'un d'eux, les fonctions de quatuorvir dans son municipe.

A la suite des noms de ce personnage viennent les mots *ET CON*, que je crois devoir développer en *et conl(egae)*, au pluriel, plutôt qu'en *et conl(ega)*, au singulier. En effet, s'il n'avait eu qu'un seul collègue, celui-ci aurait eu les mêmes droits à être inscrit nominativement au lieu d'être désigné sous une forme impersonnelle d'autant que la place était plus que suffisante. D'ailleurs l'adage juridique<sup>3</sup> *tres faciunt collegium* nous apprend qu'il fallait au moins trois magistrats pour constituer un collège; donc, pluralité de collègues. On comprend alors que le graveur ne disposant pas d'assez de place pour les noms des quatre quatuorvirs se soit résigné à n'inscrire nominativement que leur doyen et à désigner les trois autres en bloc par le mot *conl(egae)*. La formule n'en est pas moins insolite et correspond vraisemblablement à une situation exceptionnelle; contrairement à l'usage, le titre des magistrats n'est pas indiqué ainsi qu'on le voit marqué sur les monnaies municipales ou coloniales, suivant le cas, *II VIR* (Biblis, Ercavica, Osca, Saguntum, Tarraco, etc.), *III VIR* (Carteia), *III VIR* (Clunia), *AED* (Carteia, Clunia, Obulco, Saguntum). Pour expliquer cette apparente anomalie, j'ai songé<sup>4</sup> à une carence de magistratures, devenues vacantes toutes à la fois pendant une période électorale prolongée; on en a un exemple épigraphique remarquable dans le décret édicté par les décurions de la colonie de Pise pour un deuil public, à l'occasion de la mort de *L. Caesar*, petit-fils d'Auguste, *cum in colonia nostra propter*

<sup>1</sup> *Corp. Insc. Lat.*, II, 1727, 1728.

<sup>2</sup> *Ibid.*, *Suppl.* b. 149.

<sup>3</sup> *Digesta*, 50, 16, 85.

<sup>4</sup> *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1885, p. 174.

*contentiones candidatorum magistratus non essent* (Wilmanns, *Exempla inscriptionum*, 883). A défaut de magistrats titulaires, ce sont les décurions qui pourvoient directement aux services de l'édilité et de la frappe des monnaies; mais leur grand nombre empêche qu'ils soient tous mentionnés sur la monnaie: la règle, suivant laquelle la liste complète des quatre quatuorvirs est inscrite sur les moyens-bronzes de Clunia, devient matériellement inapplicable à la totalité des décurions; dans ce cas, le premier d'entre eux, le *princeps municipii*, signe seul nominativement pour son compte, et collectivement pour ses collègues.

Feu Estacio Veiga lisait sur sa pièce <sup>1</sup>, *Esuri—M. Ant(oni) Antei con(legarum)*, assemblage incompréhensible de mots inexactement déchiffrés ou mal complétés. M. Hübner a essayé d'améliorer cette lecture et de la rendre intelligible en la mettant sur la forme <sup>2</sup> *Esuri—M. An(nius Ant(hus) et con(lega)*; il n'y aurait aucun intérêt à la discuter, car ce serait répéter les arguments que j'ai développés à l'appui de ma lecture *Baesuri—M. Ant(oni) Ant(ullus) et con(legae)*.

Il ne me reste qu'à dire quelques mots sur les types figurés: le poisson et les épis couchés.

Le poisson est l'emblème naturel d'une ville maritime; quant aux épis, ils symbolisent certainement la fertilité du territoire qui en dépend; nous ne sommes nullement surpris de les rencontrer ici, car la Bétique et la Lusitanie étaient d'une fertilité proverbiale qui explique la justesse du surnom de l'un de leurs principaux centres de production agricole, *Ebura quae Cerialis* (Plin., *Nat. Hist.*, III, 3, 5). Mais sur la monnaie de Baesuris on constate une particularité qui enlève au symbole des épis quelque chose de sa banalité habituelle: ces épis sont couchés; dans ce détail qui n'est pas indifférent je reconnais l'intention de figurer la moisson coupée par opposition à la moisson sur pied signifiée par des épis verticaux. Or, dans le sud de la Péninsule la moisson se fait en juin, vers le solstice d'été; ce serait donc pendant les fêtes rurales célébrées à cette occasion que la monnaie de Baesuris aurait été frappée.

Même observation pour celles de Bailo, Baisippo, Itugi, Iulia Tra-ducta, Obulco, et Curri Regina, en Bétique et de Myrtilis en Lusitanie, caractérisées par un épi couché; pour celles d'Acinippo, Callet, Carmo, Ceret, Ilipla, Laelia, Lastigi, Onuba, Oster et Searo en Bé-

<sup>1</sup> *Corp. Ins. Lat.*, II, *Suppl.*, p. 785.

<sup>2</sup> *Monumenta linguae ibericae*, p. 136.

tique et de Salacia et en Bétique, marquées de deux épis couchés, comme celle de Baesuris.

Paris, 21 juin 1899.

ROBERT MOWAT.

*P. S.* Pendant l'impression du présent article, la *Revue numismatique* a paru, contenant une note<sup>1</sup> que je lui avais communiquée pour rendre compte de la trouvaille monétaire d'Alcacer do Sal, *olim* Salacia, signalée par M. Leite de Vasconcellos. J'ai été amené à mettre en rapport les monnaies de Salacia avec celles de Baesuris et à reproduire quelques-unes des considérations que je viens d'exposer ici.

R. M.

Sello do padre-mestre Gonçalo Origiis,  
dominicano em Santarem

Este sello tem a forma quadrilobada produzida pela intersecção de um quadrado com quatro círculos. É circumdado por uma legenda encial gravada entre fios de perolas. Occupa a melhor parte do campo do sello o baptismo de Christo ladeado por seraphins; sob um arco trilobado, aos pés d'este grupo, um frade em meio corpo ergue as mãos ao céu.

A maior dimensão do sello, isto é, o diametro da circumferencia circumscripita ao seu contôrno, mede 0<sup>m</sup>,038. Produz grande relevo ás figuras, pois a profundidade da gravura tem cerca de 0<sup>m</sup>,002.

A legenda nasce no alto, e corre da direita para a esquerda seguindo os accidentes do contôrno; os seus extremos são separados por uma +. Lê-se claramente o seguinte:

S·I·MDIGORRIGIEPORCIONARI·S·C·I·  
NICHOLAY·SCAREN+,

Que quer dizer:

*Sigillum magistri domini G. Orrigie porcionarii sancti Nicholay*  
(=Nicholaj) *Sanctaren*.

<sup>1</sup> *Revue numismatique*, III, 1899, pp. 240-246: «Numismatique lusitanienne; Salacia, Baesuris».

D'esta legenda o M é a unica lettra que não é oncial. Na primeira syllaba de *Orrigie* e de *porcionarii* o R está ligado ao O; em *Sanctaren* tambem o R está ligado ao A que o precede; nesta palavra o gravador esqueceu abrir o córte central do E, que, por ser oncial, parece um C.

O baptismo de Christo é o assumpto da gravura.

Na direita S. João, olhando á esquerda, está envolto numa pelle que lhe cobre quasi toda a perna direita; com a mão direita faz a menção de tocar Christo, e, com o braço esquerdo erguido, despeja-lhe sobre a cabeça a água contida em um enorme vaso. A perna esquerda, em acção de subir um degrau, parece querer apoiar o pé no ponto culminante do arco trilobado que cobre o frade e faz a base da composição do baptismo. Christo, de frente, com a cabeça circumdada pela aureola, está imergido até os joelhos nas águas do Jordão; tem as mãos postas e está nu da cintura para cima.



A figura de Christo apresenta todos os caracteres de muitas figuras da pintura gothica: cara redonda e gorda, clavículas e costellas muito apparentes, seios salientes, contorno das costellas, e mãos dispostas em arco ogival.

Os seraphins, de perfil, saindo de entre nuvens, com as suas asas elevadas, e mantendo os thuribulos oscillantes, emolduram as figuras proeminentes de Christo e S. João Baptista.

O frade, em baixo, olha á esquerda; veste habito e está de mãos postas com os dedos muito desunidos. É o padre-mestre Fr. Gonçalo Origiis, beneficiado de S. Nicolau e dono do sello.

Foi achada a matriz em 1892 no pateo de um predio que deita para o largo de S. Nicolau, por occasião de umas escavações, e mistura com muitas ossadas.

Os caracteres da legenda pela sua natureza e grupamento, o cavado da gravura, e a maneira do desenho das figuras, fazem prever uma



matriz do periodo que vae de cêrca do meado do sec. XIII ao terceiro quartel do sec. XIV.

Sobre Fr. Gonçalo Origiis extraímos do P.<sup>a</sup> Ignacio da Piedade e Vasconcellos o que vae ler-se e se encontra na sua *Historia de Santarem edificada*.

«Foi grande religioso em virtude e lettras, e era idoso em 1287. Em 1290 deu ordem regular ás irmãs dominicanas de Santarem, as quaes governou com o titulo de prior, tudo por ordem do Geral, Fr. Munio, a quem Domingas João impetrou aquella graça por occasião do Capitulo geral reunido em Bordenes em 1287».

Foi pois Fr. Gonçalo Origiis quem lançou os habitos ás antigas emparedadas de junto de Nossa Senhora da Abobeda (cêrca de S. Francisco), ao tempo já com a denominação de Donas e no seu mosteiro do Sitio da Magdalena.

D'este mosteiro do sec. XIII pouco existe: as principaes edificações ficavam ao poente do actual convento.

Lê-se na *Historia da Ordem de S. Domingos* que as donas tem outro prior em 1298; deve d'aqui inferir-se que a morte de Fr. Gonçalo foi cêrca d'este anno.

Pelo sôllo do padre mestre Gonçalo Origiis vemos que elle foi beneficiado de S. Nicolau, devendo ter sido um dos seis collados e não dos cinco de S. Pedro, porque estes foram instituidos em 1371.

Pelo local do achado ficamos sabendo que aquelle — grande religioso em virtude e lettras — não foi sepultado no seu convento de S. Domingos, mas no adro da igreja onde tinha o beneficio.

Santarem.

A. B. DE F.

### Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

#### 253. Inflas<sup>1</sup> (Beira)

Letreiro antigo

«..... he constante que esta villa he a mais antigua que ha por estas vezinhanças pois a sua freguezia se estendia antiguamente athe a Carrapichana que hoje he do Bispado de Coimbra, e por esta re-

<sup>1</sup> *Inflás*, Port. Mon. Hist., Dipl., p. 11.

zam, os moradores da hi estão obrigados a vir em Romaria a esta Igreja em todos os annos no primeiro Domingo de Maio, e a trazerem duas vellas de cera branca de offerta e consta por tradiçam antiga que eram obrigados a trazer dois cirios tambem. Ha em hua caza que esta no fundo da villa pera a parte do sul hua pedra que tem hum letreyro que por antigo se nam sabe ler»<sup>1</sup>. (Tomo XVIII, fl. 176).

#### 254. São-João-de-Rei (Entre-Douro-e-Minho)

*Pretendido Monio-de-Castro*

«Tambem não vejo, pelo que toca a este numero, couza algũa de que informe, porque esta freguezia não tem muros nem castello; tem sim muitos montes estercis que somente dão hum mato muito rasteiro a que chamão carrascas e saganhos. E supposto a dita Corografia<sup>2</sup> falle em hũ monte do Crasto, que foi fortificação dos Romanos; eu lhe não vejo signaes de tal fortificação, ou vestigios alguns; nem ouço fallar nisso aos seus moradores, e mais vezinhos desta minha freguezia: e o informarião falsamente para assim o escrever». (Tomo XVIII, fl. 221).

#### 255. São-Jordão (Alentejo)

*Cova*

«..... no mayor dos quaes Outeiros a que chamam Serra da Espinheyra esta huma cova, aonde dizem estivera o Sr. João Jordão fazendo vida de Anacoreta; nam tem Igreja nem Ermida, se não só montes de pedras, telhas, que lhe levam os seos Devotos, e algumas cruces: dista da Igreja Parochial hum quarto de Legoa». (Tomo XVIII, fl. 239).

#### 256. São-Jorge (Beira)

*Caldas antigas*

«Não tem privilegios, nem antiguidades algũas, mais do que a tradição de que no Ryo Huyma que por ella passa no districto ou sitio do matto da Negrinha, Passais desta Igreja, houverão hũas caldas que se desfizerão por se romper hũa pedreira no mesmo sitio, no qual ainda ha

<sup>1</sup> [Eu o li quando lá estive ha annos.—J. L. de V.].

<sup>2</sup> Do P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa.

signais de agoa tepida que curte linhos verdes em rama em tres ou quatro dias, sendo necesarios oito dias em outros sitios, e no tempo de verão se conhece hum laço por sina da agoa a modo de enxofre». (Tomo XVIII, fl. 243).

#### 257. Juncal (Extremadura)

*Assento primitivo*

«Ha nesta Freguezia oytto Ermidas: a Primeyra de S. Miguel do Peral, distante da Parochia quasi de meyo quarto de legoa, hoje muyto pequena, mas com uestigios de alicerces de que antigamente foy tres vezes mayor do que hoje he; e perto della em hum alto (dizem) tivera este Povo o seu primeyro domicilio, que dezertou por falta de agoa. Pertence esta Ermida aos Freguezes; e nella costumão hir muytas pessoas, pela tradição e experiencia que ha de que o S. Miguel (Imagem antiga e pouco ornada) que nella se venera, tira as cezões, sem mais donativo, que a pequena e humilde offerta de hũ bolo cozido nas brazas ou lar, e repartido pelos pastorinhos, que de ordinario frequentão aquelle vizinho lavradio». (Tomo XVIII, fl. 283).

#### 258. Junqueira (Entre-Douro-e-Minho)

*Cidade de Brachal no monte da Cividade*

«He do termo de Barcellos da Serenissima Caza de Bragança, hinda que actualmente contendem os Religiozos do Mosteiro da mesma freguezia que são da Congregação reformada de Santo Augustinho por que esta freguezia seja Couto, e o seu Mosteiro, senhor donatario delle, fundados em hũa doacam do Senhor Rey D. Affonso Henriques, a qual se acha no Cartorio do mesmo Mosteyro, cuja cauza corre com a Camara da mesma villa de Barcellos». (Tomo XVIII, fl. 303).

«No monte da Cividade asima referido houve antiguamente hũa Cidade chamada Brachal ou Brachalense, ou por outro nome de Aze-roso, e pella parte do Norte lhe ficava por sua defensa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello de Gifonso, e desta Cidade e Castello so apparecem hoje alguns vestigios<sup>1</sup>. (Tomo XVIII, fl. 305).

<sup>1</sup> *Brachalense* é evidentemente *Bracharense* ou territorio de Bracara. No *Port. Mon. Hist.* ha cinco citações do *Castro Argifonso*.

## 259. Juramenha (Alentejo)

## Vestígios

«Esta villa tem a sua derivação e etimologia (segundo a opinião e voz dos antigos) de hum Homem chamado Jullio Menia, ou de hũa Molher chamada Juramenha; que hoie (corrupto vocabolo) he Juromenha». (Tomo XVIII, fl. 311).

«Em contorno da Villa serão achados muntos alisserees, columnas, e bases, no que mostra ter sido antiguamente lugar nobre e grande, o que já hoie não he». (Tomo XVIII, fl. 315).

260. Juvim<sup>1</sup> (Entre-Douro-e-Minho)

## Castello de Aguiar e Cidade de «Ripa Fidelis»

«Desta freguezia procede a Caza dos Morgados de Attaens, e nella tem hũa quinta chamada de Attaens, que he o seu solar, e deixada a opinião de alguns curiozos que dizem que Attaens<sup>2</sup> tomou o nome de Attaces, Rey dos Alanos, quando veyo contra Hermenerico, Rey dos Suevos thê o rio Douro. . . . etc.» (Tomo XVIII, fl. 333).

«No alto do monte, que hoie chamã de Aguiar, por cima da aldeya de Cabanas, se acha hum terreno que parte pertence a esta freguezia, e parte a freguezia de São Cosme e por esta parte tem o loguar chamado de Aguiar tambem na descida do mesmo monte, e no alto dito houve em outro tempo hum Castello chamado de Aguiar, o que consta não só por fama mas tambem por cauza de alguns campos de varios lauradores reterem ainda hoie a denominação de Campos do Castello, e terem se tirado daquelle citio munta pedra lavrada.

Pello que julgo que naquelle citio era o em que existia o Castello chamado antiguamente de Aguiar, e os moradores destas partes e dito Castello tiveram grandes guerras e choques com os moradores da Cidade antiga denominada *Ripa Fidelis*<sup>3</sup> sobre o Rio Douro, e mais proxima ao Rio Souza do que pareceo ao P. M. Fr. Manoel Leal no seu Crisol purificativo ainda que teve sufficiente fundamento pera assim o entender, como tambem do dito Castello pellos fundamentos asima expostos, fica sem duvida ser aquelle o proprio citio do dito Castello,

<sup>1</sup> *Jucini*, genitivo de *Juvinus*. *Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 3.

<sup>2</sup> Vem de *Atanis*, genitivo de *Atan*. Francês *Attaiville*.

<sup>3</sup> Talvez seja *Pena Fidelis*, hoie localizada na Arrifana-do-Souza.

e a Cidade *Ripa Fidelis* na freguezia do Sousa, medeando o dito Rio Souza entre a Cidade e Castello dito. E sobre a dita Cidade não me extendo por me não pertencer. Só o dizer que por extinção desta e da Povoação do Castello se erigio a Villa de Arrifana de Souza; cuja fundação e colonia nova se attribue ao valor de D. Fayão Soares. . . . etc.» (Tomo XVIII, fl. 338).

#### 261. Izeda (Tras-os-Montes)

Cidade de Medea

«Tem tres Ermidas, hua de Santa Eulalia dista do lugar meya Legoa situada em hũas vinhas há tradição que foy antigamente hũa Cidade chamada Medea de que ainda parecem vestigios; . . . .» (Tomo XVIII, fl. 334).

#### 262. Santo-Isidoro (Extremadura)

Inscrição romana

« . . . . por tradições e algũs vestigios foy esta terra de nome em tempos antigos por serem então navegaveis os dous rios della; o do sul hũ quarto de legoa, e o do norte hũa legoa donde vem o chamar-se o lemite desta Igreja em escriptos antigos — Santo Izidoro em Ilhas, termo de Mafra — assim conserva o Rio do Sul o nome de *Ribeyra de Ilhas*; e o lugar de Paço de Ilhas — por estar neste lugar hũ Palacio arruinado dos Ex.<sup>mas</sup> Condes da Ericeyra. E o rio do norte conserva o nome de *Fanga da Fé*<sup>1</sup>; por ter ahi havido alfandega em distancia do mar hũ quarto de legoa. Nesta terra deixarão os Romanos sua memoria que se acha escripta com letras Romanas em hũa pedra de oyto palmos de comprido e quatro de largo que esta no Altar do Espirito Santo na forma seguinte<sup>2</sup>: (Tomo XVIII, fl. 355).

#### 263. Lagares (Beira)

Etymologia popular

«Esta terra está entre dois rios hum chamado o Cobral porque antigamente junto d'elle andava huma cobra mui grandissima que matava os homens. . . .»<sup>3</sup> (Tomo XIX, fl. 50).

<sup>1</sup> Effectivamente, numa inquirição sem data, que parece ser muito antiga, vem *Pandegadafe. Memorias para a historia das Inquirições, etc.* (J. Pedro Ribeiro, p. 13 dos Documentos).

<sup>2</sup> Publicada no *Supplemento do Corp. Inscr. Lat.*

<sup>3</sup> O mesmo conta o Cura de Lageosa a fl. 62.

## 264. Lagos (Algarve)

Itálica

«A terra que se descreve he a Cidade de Lagos, a qual ou fosse edificada por El Rey Brigo que governou as Espanhas.... etc. e tambem he certo que foy edificada junto ao citio do Paul, distante da povoação que hoje existe pouco mais ou menos de huma milha. Teve por nome Lacobriga ou Lago de Brigo, talvez, por estar junto a huns campos pantanosos que hoje se chamam Paul, ou porque junto á mesma povoação pella parte do nascente estava huma fonte chamada hoje Arca do Paul de que esta Cidade se provê e da qual se dizia antigamente que se a arte nam comprehensse as suas agoas bastariam ellas para inundar a mesma Cidade, ainda que fique distante.

No lugar desta povoação não se ve hoje mais que huns pardieyros alguns pequenos aliceres de cazas e muitos tijolos indício de que forão edificados os seos Palacios. Tambem parece não ser esta povoação de muita grandeza, porque o citio ainda que acomodado para mayor entemção com tudo he de sua natureza aspera pela vezinhança dos montes, e serros e doentio pella proximidade do Paul, e ainda hoje os moradores que habitão junto delle padecem o effeito da sua vezinhança deste citio, não se sabe o tempo da sua duração e menos a cauza que ouve para que totalmente se extinguisse de sorte que apenas se sabe que existio». (Tomo XIX, fl. 117).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

## Noticias varias

## 1. Ponte de Olivença (Elvas)

A proposito de uma pergunta feita n-*O Archeologo Português*, o meu amigo Antonio Thomás Pires, de Elvas, que não perde um unico ensejo de prestar serviços á sciencia portugueza<sup>1</sup>, enviou-me a seguinte communicação:

<sup>1</sup> Antonio Thomás Pires é auctor de muitos trabalhos sobre ethnographia portugueza, aos quaes me referi nos meus *Essaios Ethnographicos*, I, 329 sqq. Ultimamente publicou os interessantes *Materiaes para a historia urbana portugueza do sec. XVI-XVIII* (vid. *Boletim da Sociedade de Geographia*, 1897, pag. 703 sqq.); agora tem no prelo os *Cantos populares do Alentejo*, obra monumental, e acaba de colligir, para ser publicado na *Revista Lusitana*, onde o será em breve, um *Vocabulario Alentejano*.

No vol. I, pag. 64, d'*O Archeologo Português* disse o meu amigo constar-lhe, que na freguesia da Ajuda d'este concelho havia, debaixo da ponte<sup>1</sup>, algumas pedras com letras, e pedia que lhe fossem dadas informações mais precisas a semelhante respeito. Tive ensejo de proceder directamente á investigação, e conheci que, de facto, nas pedras de cantaria de um dos pilares dos arcos derrubados da ponte, ha letras e numeros, mas representam as siglas ou marcas dos canteiros (cf. *O Arch. Port.*, IV, 108). Eis a configuração de algumas d'essas siglas:

Y T ☒ O +

1 2 3 4 5

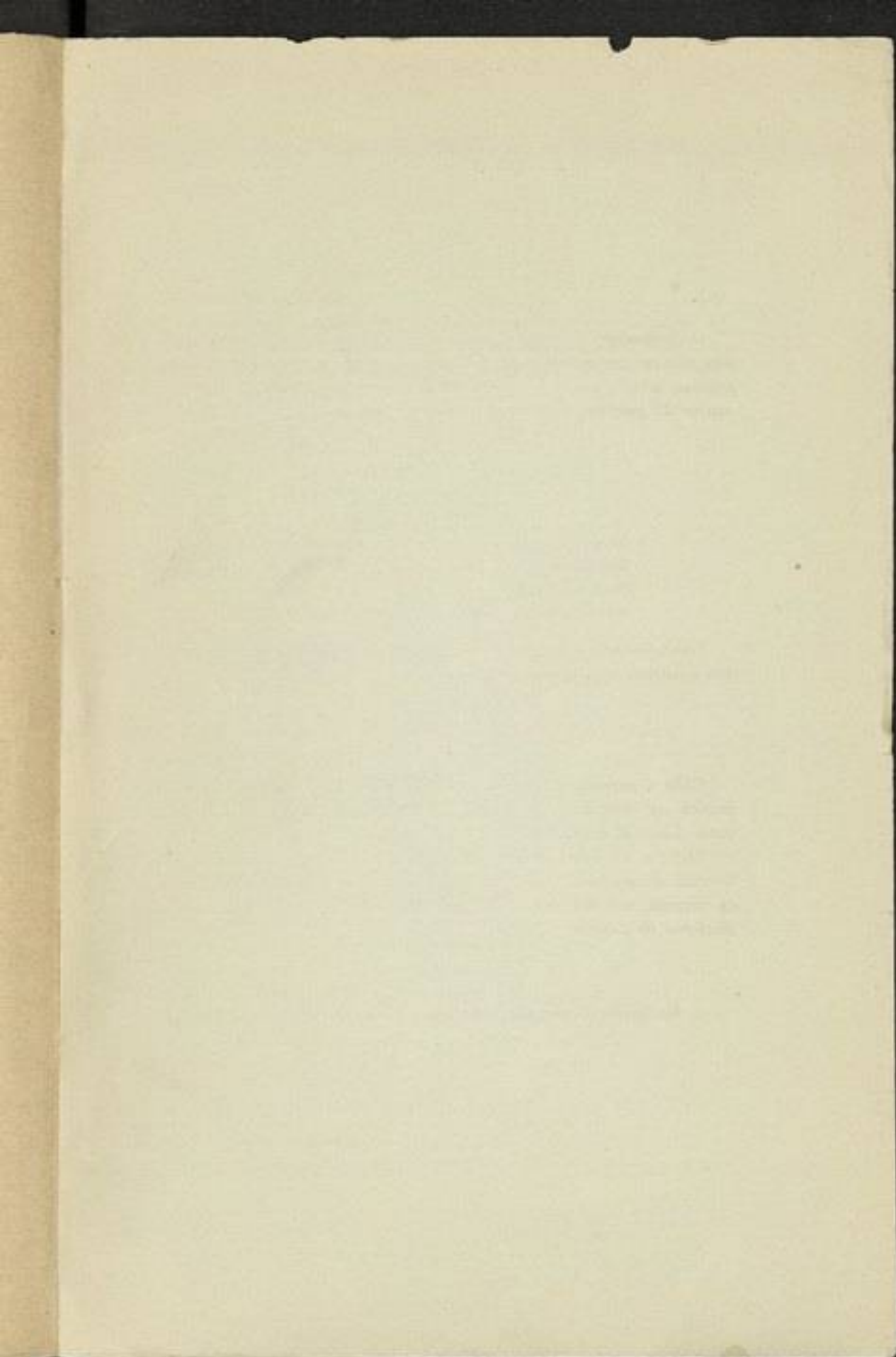
## 2. Sepulturas romanas em Marco de Canaveses

Um amigo meu, muito dedicado aos estudos archeologicos, teve a bondade de me communicar o seguinte em carta (1898):

«Ha tempos appareceram no Freixo, em uma sorriba, varios objectos de louça e vidro. Fui lá log.; mas perdi o meu tempo. Um objecto de barro cozido, que descreveram de modo que faz suppor que se trata de um galheteiro, ou cousa parecida, tinham-no dado para o Porto; outros objectos, a que chamavam tijellas e que continham ossos, quebraram-nos, na fórma do costume, e enterraram tudo na sorriba; um copo de vidro, que estava ao pé de uma das taes tijellas, partiu-se casualmente, e d'este conservo uns pequeninos cacos que restavam. Todos estes objectos estavam dentro de sepulturas de fórma circular, de pequeno diametro, abertas no solo, a pequena profundidade. Ha annos, a uns 30 ou 40 metros arredados d'ali, vi eu uma outra sepultura do mesmo genero, que estava revestida interiormente de grandes pedaços de *tegulas*, e continha uma linda e variada mobilia funeraria, que remetti para o Museu de Guimarães».

J. L. DE V.

<sup>1</sup> É a ponte chamada de Olivença (construção de D. Manoel), ponte em parte destruída pelos castelhanos, em 1709, por ocasião da guerra da Liga.



## EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

### PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

|                    |             |
|--------------------|-------------|
| Anno .....         | 15500 réis. |
| Semestre .....     | 750 »       |
| Numero avulso..... | 160 »       |

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

---

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

---

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.